

A IMPORTÂNCIA DA MEMÓRIA E DOS ARQUIVOS ESCOLARES

THE IMPORTANCE OF MEMORY AND SCHOOL ARCHIVES

Recebido em: 11/07/2023

Aceito em: 17/08/2023

Márcia Cicci Romero¹ 

Maria Cristina Santos de Oliveira Alves² 

Resumo: Este artigo tem como objeto de estudo a memória e os arquivos escolares. É uma pesquisa teórica e qualitativa que utiliza uma metodologia bibliográfica e tem como objetivo investigar sobre a importância da memória e da história nos arquivos escolares, dentro das instituições escolares. Mogarro (2005) conta que os arquivos escolares concedem nas instituições que os produziram a reflexão sobre as ações e discursos que são proferidos por todos os indivíduos dentro do ambiente escolar, sejam os discentes, docentes e demais funcionários. Assim sendo, o arquivo é o local que obtêm as informações sobre a escola e à esse lugar é tido como um local de parâmetro que possui as informações desse recinto. Consideramos os arquivos escolares, que, como lugares de memória coletiva, é dar a devida importância à uma dada instituição escolar, para que possa ter a sua história contada, como também a sua identidade aos funcionários e aos alunos. Rever o passado das instituições escolares por meio dos arquivos escolares, é estudar o passado para compreender o presente para direcionar as próximas ações com o intuito de tornar cada vez mais, uma instituição escolar melhor.

Palavras-chave: Arquivos Escolares; História; Memória; Instituições Escolares.

Abstract: This article has memory and school archives as its object of study. It is a theoretical and qualitative research that uses a bibliographic methodology and aims to investigate the importance of memory and history in school archives, within school institutions. Mogarro (2005) says that school archives allow the institutions that produced them to reflect on the actions and speeches that are uttered by all individuals within the school environment, whether students, teachers and other employees. Therefore, the archive is the place where information about the school is obtained and that place is considered as a parameter location that has information about that enclosure. We consider the school archives, which, as places of collective memory, is to give due importance to a given school institution, so that its history can be told, as well as its identity to employees and students. Reviewing the past of school institutions through school archives is studying the past to understand the present to direct the next actions with the aim of making a better school institution more and more.

Keywords: School Archives; History; Memory; School Institutions.

INTRODUÇÃO

Mogarro (2005) conta que os arquivos escolares concedem nas instituições que os produziram a reflexão sobre as ações e discursos que são proferidos por todos os indivíduos dentro do ambiente escolar, sejam os discentes, docentes e demais funcionários. Assim sendo,

¹ Aluna do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia/UFU. E-mail: marciacromero@yahoo.com.br

² Professora Doutora, pela Universidade Federal de Uberlândia/UFU. E-mail: cristinasoa@yahoo.com.br

o arquivo é o local que obtêm as informações sobre a escola e à esse lugar é tido como um local de parâmetro que possui as informações desse recinto. Nesse sentido, os dados que estão no arquivo de uma escola, possibilita interligar as informações, o motivo de terem sido produzidos como também para entender o funcionamento da instituição.

Menezes; Silva; Teixeira Júnior (2005) atribuem aos documentos produzidos pelas instituições escolares atribuições valorativas como se fossem as testemunhas vivas da vida institucional, desde que se façam os questionamentos certos para que as respostas surjam. Os autores citam Nora (1993) para explicar que os profissionais da educação que trabalham na organização dos arquivos de uma escola, podem se esbarrar com difíceis situações, como por exemplo estrago de documentos, lugar inapropriado com goteiras e mofo, colocando em risco a conservação dos documentos e a saúde dos profissinais que ali trabalham.

Werle; Britto; Colau (2007) afirmam que têm crescido os trabalhos que abordam sobre a história das instituições escolares e que tal fato pode ser considerado dentro do campo da história da educação como uma renovação tanto teórica como metodológica que englobam as mudanças entre o universal e o particular.

Necessariamente, a HIE maneja com a dimensão temporal. O pesquisador de HIE vê-se à frente de indagações acerca do período de tempo abrangido no relato. Trabalhar com HIE não é permanecer na presencialidade, no hoje da instituição, mas descrever, compor narrativas de seus diferentes momentos de existência (WERLE; BRITTO; COLAU, 2007, p.151).

Os autores continuam explanando que todos os fatos educativos são históricos, nesse contexto esclarecem que existe uma historicidade reflexiva que se faz presente em todos os estudos que possuem o tema da educação. A história das instituições escolares, no entanto, possui o passado como campo de pesquisa.

Entendem que a atribuição do historiador é tentar edificar algo que já não existe mais, nesse cenário, essa ação é incompleta e conflituosa, visto que não é possível reconstruir 100% algo que já aconteceu, mas apenas a sua representação. (MENEZES; SILVA, TEIXEIRA JÚNIOR, 2005). Realizar pesquisa nas instituições escolares, precisamente dentro dos arquivos escolares é além de compreender a época em que esses arquivos foram gerados, é absolutamente por meio desses documentos que podemos entender as crenças da época.

Hartog (2017) em seu livro “Crer em história” realiza uma discussão da qual o historiador moderno deveria ser capaz de separar o passado e o presente, visto que a história é a ciência que estuda o passado. Além disso, discute sobre a memória, retoma os conceitos de Maurice Halbwachs acerca de memória coletiva que afirmava que pela realidade social da memória, tanto a memória como a sociedade estavam conectadas. March Bloch com a escola dos Annales, vêm defender que a história possui um elo com os falecidos e os vivos, tendo em vista que a história, por ser dialética, está num movimento constante de vai e vem (passado x presente). Assim sendo, defende que o historiador deveria focar somente no presente, pois é o agora (presente) que afirma ser o novo território da memória. O autor entende que a história domina o passado e critica que o curso de História não é uma das primeiras opções de cursos universitários ao repelir a cada vez mais os estudantes, como também os jornais e revistas que têm uma parte dedicada à história e a venda de livros de história ruiu. Apesar dessas críticas, em seu texto aponta que a história é por via a nossa memória coletiva, no sentido de olhar ~~para~~ o passado para nos compreendermos enquanto cidadãos.

Em relação a memória, alega:

Em primeiro lugar, o quarteto formado pela memória, comemoração, patrimônio e identidade, ao qual é preciso ao menos acrescentar o crime contra a humanidade, a vítima, a testemunha, e ainda outras. Formando mais ou menos um sistema, essas palavras, que não têm nem a mesma história nem a mesma amplitude, remetem-se umas às outras e se tornaram referências ao mesmo tempo poderosas e vagas, suportes para a ação, slogans para fazer valer reivindicações, exigir reparos. Inevitavelmente, elas trazem consigo toda uma carga de mal-entendidos. Se o historiador, menos do que qualquer outro, não as pode ignorar, ele deve, mais do que qualquer um, questioná-las: apreender sua história, traçar seus usos e abusos, antes de retomá-las em seus questionários (HARTOG, 2017, p. 39).

Em relação à memória coletiva, Pollak (1989, p.3) explicita:

Em sua análise da memória coletiva, Maurice Halbwachs enfatiza a força dos diferentes pontos de referência que estruturam nossa memória e que a inserem na memória da coletividade a que pertencemos. Entre eles incluem-se evidentemente os monumentos, esses lugares da memória analisados por Pierre Nora, o patrimônio arquitetônico e seu estilo, que nos acompanham por toda a nossa vida, as paisagens, as datas e personagens históricas de cuja importância somos incessantemente lembrados, as tradições e costumes, certas regras de interação, o folclore e a música, e, por que não, as tradições culinárias. Na tradição metodológica durkheimiana, que consiste em tratar fatos sociais como coisas, torna-se possível tomar esses diferentes pontos de referência como indicadores empíricos da memória coletiva de um determinado grupo, uma memória estruturada com suas hierarquias e classificações,

uma memória também que, ao definir o que é comum a um grupo e o que, o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras sócio-culturais.

Por esse ângulo, os arquivos escolares atuam no sentido de preservar a memória coletiva dos indivíduos que fizeram parte dela, como os funcionários e os alunos, num microcosmos, uma vez que possui normas e funcionamento específicos. Como afirma Mogarro (2001), que por serem instituições com suas próprias regras de funcionamento, apresentam uma historicidade, possibilitando novas interpretações sobre o seu exercício e das pessoas que a frequentam, sendo então o arquivo a principal ferramenta na edificação da memória coletiva da escola e de sua identidade histórica.

Sobre a importância da preservação dos arquivos escolares, Furtado (2011, p. 150) contribui:

Nestes arquivos encontram-se registros de diferentes naturezas e espécies, que, muitas vezes, já fazem parte de uma memória “perdida”, esquecida, porém uma memória que representa um passado de escolarização, com características próprias da instituição escolar a qual pertence e identificada com a sua época. Esses registros de diferentes naturezas e espécies documentais tornam-se, diante do olhar pesquisadores em História da Educação, fontes fundamentais para o estudo dos processos de escolarização, da história das instituições escolares, da cultura escolar, entre outros aspectos.

O processo de organização dos arquivos é que ajudam na preservação da história das instituições escolares. É importante salientar que a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação passou a exigir que as escolas mantivessem a preservação e a conservação de seus documentos, tendo em vista que ainda existem instituições que não se interessam em conservá-los. Diante disso, é necessário também ter um local adequado para ajudar na preservação, longe de mofos, goteiras entre outros, pois ao invés de preservá-los, podem danificá-los prejudicando que futuras pesquisas sobre essa instituição possam ser feitas. As instituições escolares ainda não compreenderam que os seus arquivos escolares são locais onde a memória faz morada. É o arquivo onde as informações da escola são armazenadas, não somente as de caráter burocrático, como também fotografias, materiais pedagógicos, relatórios dos quais podem fornecer a compreensão de como o ensino era ministrado em uma determinada época, como era a rotina, a cultura escolar dessa instituição. (FURTADO, 2011)

Na abordagem durkheimiana, o destaque é atribuído à instituição da memória coletiva, em relação à sua duração, permanência e a sua constância. Nessa perspectiva, entende que Halbwachs não atribui à memória coletiva como uma imposição, ou até mesmo uma forma de violência simbólica ou de controle, mas sim por realçar a memória comum nos seus aspectos positivos, de coesão social. Ele continua exemplificando que para Maurice Halbwachs, existe um tipo de acordo para colocar na mesma página a memória coletiva e as memórias individuais, principalmente para que as lembranças possam ser reconstruídas tendo um ponto em comum. (POLLAK, 1989)

Em relação tanto a memória coletiva como individual:

Enfatizando a impossibilidade de se pensar a memória enquanto uma estrutura mental individual, Halbwachs (1925/1994, 2006) afirmava que os indivíduos se lembram dentro de um grupo social, usam referências determinadas pela sociedade, têm a tendência a utilizar as memórias de outras pessoas para reforçar suas próprias, baseando-se em uma estrutura de linguagem e comunicação na construção de suas lembranças. Isto não quer dizer que, por serem todas as memórias coletivas, as pessoas lembrem sempre a mesma coisa. Na verdade, segundo Halbwachs, as lembranças individuais não passariam de pontos de vistas de uma situação vivida coletivamente. Vários desses pontos de vista, vividos em grupos diferentes, gerariam o aspecto individual da memória (NAIFF; SÁ, NAIFF; APUD Viaud, 2008, p.128).

Os autores utilizam o termo de “memória social” para atribuir às ideias de Maurice Halbwachs sobre a memória coletiva, dessa forma, as lembranças em comum dentro de um grupo, empregando as memórias de outras pessoas para dar maior ênfase as próprias de uma pessoa. Embora as memórias possam ser consideradas “coletivas” e nesse caso “sociais”, há diferentes convicções de uma memória dita como coletiva/social. A característica que poderia atribuir à uma memória coletiva como individual estaria dentro de realidades distintas vividas por diferentes indivíduos.

METODOLOGIA

Esse artigo parte de uma pesquisa teórica, qualitativa que utiliza uma metodologia bibliográfica e tem como objetivo investigar sobre a importância da memória e da história nos arquivos escolares dentro das instituições escolares.

DESENVOLVIMENTO/ RESULTADOS E DISCUSSÕES

A importância da memória dentro dos arquivos das instituições escolares é preservar a história desse lugar.

Diante de situações, não raras vezes, de risco e da importância que se dá, cada vez com maior intensidade, à necessidade de preservação dessa documentação, têm-se desenvolvido projetos de intervenção e de investigação sobre esses espaços, esses restos ou lugares de guarda da memória educativa; sobre os documentos como fontes de informação, advindos das várias práticas administrativas, mas também pedagógicas, das escolas. (MENEZES; SILVA, TEIXEIRA JÚNIOR, 2005, p.68)

Miguel, (2012, p. 243) ainda colabora:

A relação entre a história, a memória e as instituições escolares, a princípio, compreende duas grandes categorias e uma subcategoria: a história e a memória enquanto grandes categorias sendo a segunda componente da primeira e elemento necessário da mesma. As instituições escolares surgem então na condição de subcategoria, pois fazem parte da história da educação e consequentemente, da memória. (MIGUEL, 2012, p. 243)

De acordo com Le Goff (1982) em seu livro, “História e memória” denota que o que diferencia o passado e o presente é o que encontra-se na consciência coletiva, aqui remete à consciência social histórica. Acresce que a evidência de que a história é uma ciência, se deve aos fatos e que estes necessitam de técnicas. Assim, é o documento que configura a existência da história, mas é crítico ao afirmar que “o documento é mais fácil de definir e referenciar do que o fato histórico, que nunca é dado como tal, mas construído” (Le Goff, p.100). Algo torna-se um documento, a partir do prosseguimento de uma pesquisa e uma escolha. Ele continua seu pensamento ao explicar que as pesquisas em si não são realizadas pelos historiadores e sim por auxiliares que organizam o acervo de documentos, tratando-se da escola, podemos dizer que os funcionários ao realizarem o seu trabalho e produzirem documentos rotineiramente, atuam como pesquisadores dos quais deixaram disponíveis para outros, no arquivo escolar, os documentos produzidos para consulta.

Mogarro (2005, p.105) compreende que:

A instituição escolar constitui o universo de uma cultura própria e sedimentada historicamente, sendo também a produtora dos traços / documentos dessa cultura. Esses documentos configuram, na sua diversidade e variedade, o patrimônio educativo de cada instituição - o espaço físico (edifício e zona envolvente) corporiza esse universo; os espólios arquivístico, museológico e bibliográfico integram os documentos, portadores de informações valiosas e que nos trazem, do passado até ao

presente, aspectos da vida da escola e que tornam possível escrever o itinerário da instituição. No âmbito de processos de investigação, a análise desses documentos e a comparação que se estabelece entre as informações que, no seu conjunto, fornecem, permitem-nos conferir sentidos ao passado e compreender também a constituição / consolidação da cultura escolar, na teia das relações que esta estabelece com as outras culturas presentes na sociedade. (MOGARRO, 2005 APUD CHARTIER, 1988,] 994).

Em relação aos documentos, Medeiros (2018, p.35) aponta:

Os documentos, enquanto produções acadêmicas, técnicas e científicas, apresentam caracterizações como as já atribuídas ao sentido de verdade por Foucault (2012), a saber: estão centradas na forma do discurso da ciência e das instituições produtoras; sofrem ações políticas e econômicas; são produto para difusão e produto para consumo; há sempre um poder regulador que age sobre; e são matéria de luta política e social.

Diante o exposto, podemos compreender tanto Mogarro (2001) como Medeiros (2018), reconhecem a importância do documento. A primeira em relação às instituições escolares acerca de sua cultura própria e por assim ser, produtora de documentos dessa cultura, dessa rotina, assim sendo, tornando-se parte da história daquele lugar, contribuindo para o discernimento das informações contidas nesses documentos e na comparação com as demais que podemos adquirir no processo de investigação, dessa forma, atribuir o motivo desses documentos terem sido produzidos pela instituição escolar como também com a cultura da sociedade. Medeiros por sua vez, por entender que os documentos também são advindos de produções acadêmicas em todos os seus âmbitos, já possuem certos aspectos de uma verdade, seja advinda de uma luta política/ social ou não.

As autoras Silva e Lima (2009) salientam que para o historiador Le Goff as instituições criadas para armazenar os documentos foram criadas em meados do século XVIII. Tratando-se de documentos públicos, é válido destacar que foi a França o país que era uma referência na guarda dos documentos. Esse local para a guarda dos documentos deu-se o nome de Arquivo Nacional para preservar a memória do país. Os arquivos possuem uma conexão com a história e a memória, pois o que aconteceu nesse lugar ficou registrado através de documentos, assim sendo, esses registros apontam para as memórias dos indivíduos que lá frequentaram, ao apresentar também a sua identidade.

São as instituições escolares os locais que ajudam a ter uma amostra do que aconteceu em uma determinada escola, preferencialmente dentro da realidade da época e do modelo

educacional implantado. Tanto as instituições escolares como os cidadãos que nela frequentam e fazem parte, produzem inúmeros documentos, sejam eles exigidos pela escola ou pedagógicos. As escolas tornam-se locais importantes para que pesquisas sejam realizadas, tendo em vista que são esses locais que podem propiciar que análises e interpretações possam ser efetuadas para auxiliar na construção de identidade desse local, como também analisar como era a cultura escolar dessa instituição em uma determinada época, quais eram as formas de ensino em vigor, contribuindo dessa forma para a História da Educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto nesse artigo, entendemos que é importante discutir sobre a memória coletiva e as individuais dentro dos arquivos escolares, tendo em vista que os indivíduos que fizeram parte de um dado momento nessa instituição escolar, apesar de terem vivido as mesmas coisas, nos mesmos momentos, nem sempre terão as mesmas memórias, como afirma Pollak (1989) para que as lembranças dessas pessoas possam ser reconstruídas tendo um ponto de partida em comum, é necessário levar em consideração as memórias individuais para que uma memória coletiva seja construída. Considerar os arquivos escolares como lugares de memória coletiva é dar a devida importância à uma dada instituição escolar, para que possa ter a sua história contada, como também a sua identidade aos funcionários e aos alunos. Rever o passado das instituições escolares através dos arquivos escolares, é estudar o passado para compreender o presente para direcionar as próximas ações com o intuito de se tornar cada vez mais, uma instituição escolar melhor.

Dentro dos arquivos escolares, é importante entender que cada aluno de uma instituição possui seu arquivo, seus dados guardados e que ao encontrar com colegas que também frequentaram a mesma época, pode-se a partir daí edificar uma memória coletiva tendo como ponto de partida as memórias individuais. Esses registros de cada aluno, também podem esclarecer como era o modelo pedagógico da instituição, qual era a sua identidade, o público que atendia. Normalmente as escolas públicas possuem nomes de pessoas que ajudaram a construir uma educação de qualidade na cidade, ou que foram importantes na construção de projetos que fomentassem a educação.

Magalhães (1999) confere à edificação da história de uma escola ou instituição escolar à relevância de sua identidade cultural e educacional. A autora informa que esse exercício

confere uma interpretação histórica através do seu modelo educacional. Assim sendo, a memória e o arquivo escolar poderão rebater à uma representação funcional, o seu modelo pedagógico.

Em relação à preservação dos documentos nos arquivos escolares, os autores Menezes; Silva; Teixeira Júnior, (2005, p.68) realizam a seguinte crítica:

Se a administração escolar produz grande parte do acervo documental da instituição, cabe a ela também zelar por ele. No entanto, se a produção é fácil de ser observada, trata-se de correspondências, atas, papéis e mais papéis. A prática de guarda e manutenção de acervos é difícil de ser encontrada e está longe de ser vista como importante. As fontes documentais históricas, principalmente as mais antigas, são vistas como “papéis velhos”, sem valor, pela maioria das pessoas que trabalham na área administrativa da escola, como também por professores e funcionários. A visão mencionada, que impregna as instituições sociais em geral, traz conseqüências graves, prejuízos para a história da instituição escolar, para a história da educação, e multiplica o número de pessoas que faz parte de uma “geração sem memória” (Silva, 2004).

Por esses motivos que se faz tão importante a guarda de documentos das instituições escolares, pois são como patrimônios culturais. Merlo; Konrad (2015, p.31) “*o patrimônio cultural brasileiro é formado por todos os meios de expressão, materiais ou imateriais, consistindo na memória da sociedade, incluindo-se os documentos*”. Por ser as instituições escolares, considerada como um patrimônio cultural, da qual a memória ali registrada e propagada juntamente com os bens culturais, não deixa de ser uma amostra dos cidadãos do país e como tal, merece ser preservada. Mais do que ser uma fonte de pesquisa, os arquivos escolares também orientam no processo de amostra, de compreender através dos arquivos de uma dada escola, como a sociedade se organizada, quais eram os princípios que norteavam a sociedade da época. Mais do que guardar os documentos escolares, os arquivos escolares são lugares onde é justificável preservar a sua memória, como também a sua identidade. Sendo o patrimônio cultural nesse caso, tratando-se da preservação dos arquivos escolares em detrimento da memória coletiva de uma instituição escolar, os documentos dos arquivos podem ser considerados como patrimônios culturais, pois ao preservar as memórias de uma determinada época, ajuda na edificação da identidade desse local, possibilitando que os registros fiquem acessíveis e os indivíduos que fizeram parte dessa história possam lembrá-los.

Não basta apenas ir ao arquivo da escola, é necessário ter um dispositivo teórico que propicie uma investigação crítica dos documentos. É somente através dos documentos que um pesquisador/historiador consegue obter uma informação para compreender o presente, visto que é no presente que os questionamentos são levantados, para olhar o passado na busca de informações que ajudem a saná-los.

Le Goff (1990) afirma que os documentos tido como materiais da memória, podem ser atribuídos dois nomes, sendo os documentos e monumentos. O termo monumento refere-se à uma herança do passado, enquanto que o documento é uma decisão advinda do historiador. O autor continua explicando em seu texto que a palavra monumento refere-se ao passado, por poder invocá-lo, proporcionando uma lembrança. Assim sendo, é na mudança do século XIX para o XX que o documento dentro da escola histórica positivista será a justificativa do fato histórico, cabendo à sua objetividade contradizer a ideia de monumento, sendo de fato um testemunho escrito. É importante debatermos sobre o monumento e documento, tendo em vista estarmos discutindo sobre a importância dos arquivos escolares e da memória coletiva dentro das instituições escolares e por assim dizer, da história dessa escola e dos documentos que se fazem importantes para compreender o seu presente e o modelo pedagógico em vigor. O autor continua elucidando que é na escola positivista que o documento toma frente ao invés do monumento. O documento diferentemente do monumento, possui texto e nessa época todos aqueles historiadores que prezassem em estudar a historiografia, fazia-se imprescindível o documento. É importante destacar que a Escola dos Annales (1929), foram os precursores da história nova e enxergaram a urgência em expandir o conceito de documento, pois mais que ser constituída por documentos escritos, a história também pode dar-se sem os documentos escritos, quando não for possível detectá-los.

Comprendemos a importância de saber diferenciar o documento e o monumento, visto que em alguns momentos é possível confundi-los. Saber reconhecer os arquivos escolares como lugares onde a memória individual pode ser transformada em coletiva, é entender o momento histórico em que foi fundada, seus objetivos, sua identidade e principalmente a sua relevância para a sociedade em que está localizada.

REFERÊNCIAS

FURTADO, Alessandra Cristina. Os arquivos escolares e sua documentação: possibilidades e limites para a pesquisa em História da Educação. **InCID: revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 2, n. 2, p. 145-159, 2011. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2178-2075.v2i2p145-159>

HARTOG, François. **Crer em História**. Autêntica, Belo Horizonte, 2017.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1982.

LE GOFF, Jacques. **Documento/Monumento**. In: História e Memória. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990, pp. 462-476.

MAGALHÃES J.P. de. 1999. **Breve apontamento para a história das instituições educativas**. In: J.L. SANFELICE; D. SAVIANI e J.C. LOMBARDI (orgs.), História da Educação: perspectivas para um intercâmbio internacional, Campinas, Autores Associados, p. 67-72

MEDEIROS, Jackson da Silva. O documento-verdade/A verdade-documento: sobre a institucionalização da informação com vistas ao acesso aberto. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**. Ribeirão Preto, SP: FFCLRP. Vol. 8, n. 2 (set. 2017/fev. 2018), p. 25-41, 2017. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/254614>. Acesso em: 18 Abri.2023

MENEZES, Maria Cristina; SILVA, Eva Cristina Leite da Silva da; TEIXEIRA JUNIOR, Oscar. O arquivo escolar: lugar da memória, lugar da história. **Horizontes**, v. 23, n. 1, p. 67-76, 2005. Disponível em: https://lyceumonline.usf.edu.br/webp/portalUSF/edusf/publicacoes/RevistaHorizontes/Volum_e_03/uploadAddress/horizontes-8%5B6257%5D.pdf. Acesso em: 15 Abri. 2023

MERLO, Franciele; KONRAD, Glaucia Vieira Ramos. Documento, história e memória: a importância da preservação do patrimônio documental para o acesso à informação. **Informação & Informação**; v. 20, n. 1 (2015); 26-42, v. 24, n. 2, p. 42-26, 2015.

MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck. A HISTÓRIA, A MEMÓRIA E AS INSTITUIÇÕES ESCOLARES: UMA RELAÇÃO NECESSÁRIA. Cadernos de História da Educação, v. 11, n. 1, 2012. Disponível em : <https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/17540/>. Acesso em: 17 Abri. 2023

MOGARRO, Maria João. **A formação de professores no Portugal contemporâneo - a Escolado Magistério Primário de Portalegre**.2001. Tese de doutoramento (Ciências da Educação) - Instituto de Ciências da Educação, Universidade da Extremadura.

MOGARRO, Maria João. Os arquivos escolares nas instituições educativas portuguesas. Preservar a informação, construir a memória. **Pro-posições**, v. 16, n. 1, p. 103-116, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/33681>. Acesso em: 14 Abri. 2023

NAIFF, Luciene Alves Miguez; SÁ, Celso Pereira de; NAIFF, Denis Giovanni Monteiro. Preciso estudar para ser alguém: memória e representações sociais da educação escolar. *Paidéia* (Ribeirão Preto), v. 18, p. 125-138, 2008. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2008000100012>. Acesso em: 16 Abri. 2023

NORA, P. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28.dez. 1993.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Revista estudos históricos, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

SILVA, E. C. L. Os papéis de porão na constituição da cultura escolar: Escola Normal Carlos Gomes – 1949 a 1966. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, SP, 2004.

SILVA, Ligiane Aparecida da; LIMA, Rosilene de. Jacques Le Goff: Estudo de conceitos em história da educação. In: **IX Congresso Nacional de Educação**. 2009. Disponível em: <https://xdocz.com.br/doc/le-goff-memoria-em-edu-qoey6ekyg4n6>. Acesso em 17 Abri.2023

WERLE, Flávia Obino Corrêa; BRITTO, Lenir Marina Trindade de Sá; COLAU, Cinthia Merlo. Espaço escolar e história das instituições escolares. **Revista diálogo educacional**, v. 7, n. 22, p. 147-163, 2007.